

NOTÍCIAS

REPORTAGENS

PUBLICADO DIA 06/09/2018



Por que a escola brasileira precisa discutir gênero e orientação sexual

POR INGRID MATUOKA

TAGS: **DIVERSIDADE** **EDUCAÇÃO INTEGRAL INCLUSIVA** **GÊNEROS**

Isabela, aos 4 anos, tem um sonho: construir uma grande máquina que a transforme em menino, para que ela possa correr livremente e jogar bola como eles. Esse sentimento de limitação, expresso no desejo da menina, foi o ponto de partida para que a professora Vânia Oliveira percebesse a necessidade de trabalhar as questões de **gênero**, **orientação sexual e diversidade na escola**.



“Se hoje a Isabela acha que não pode jogar futebol, amanhã talvez ache que **não possa ser cientista**”, diz a professora que leciona na Escola

As plataformas da Cidade Escola Aprendiz utilizam cookies e tecnologias semelhantes, como explicado em nossa Política de Privacidade, para recomendar conteúdo e publicidade. Ao navegar por nosso conteúdo, o usuário aceita tais condições.

[Aceitar](#) [Política de privacidade](#)

Essa reportagem integra o **Especial Eleições 2018 – Caminhos para a Escola Brasileira**, do Centro de Referências em Educação Integral. A série de matérias aborda como os principais temas da educação se relacionam com o projeto de país em disputa com as eleições que se avizinham, dando ênfase para as questões identitárias brasileiras, **direitos humanos** e políticas públicas de educação.

A preocupação de Vânia é fundamentada. Segundo a pesquisa **Por ser menina: crescendo entre direitos e violência**, da PLAN International, a desigualdade de gênero começa cedo e em casa. O levantamento revelou, por exemplo, que 81,4% das meninas arrumam sua própria cama ante 11,6% dos seus irmãos. Na mesma pesquisa, 37,3% das meninas declararam que as pessoas da família ficariam chateadas se quisessem fazer coisas que geralmente os meninos fazem.



Diante deste cenário, as escolas têm papel central na discussão e promoção da equidade, desde a **Educação Infantil**. “É nessa etapa de ensino que as crianças começam a ser inseridas em uma sociedade maior do que a família, e constroem seu entendimento sobre como lidar com o outro. É um momento precioso para fazê-las entender o respeito, a diversidade, a tolerância”, afirma Vânia.

Desamparo legal para a equidade

Nos últimos anos, no entanto, sob a falácia de uma “ideologia de gênero” políticas públicas que se propuseram a tratar explicitamente do tema foram barradas, a exemplo da **supressão das menções aos termos gênero e sexualidade de importantes documentos educacionais** como a BNCC e os Planos Municipais e Estaduais de Educação.

À exceção da **Lei Maria da Penha**, que expressa diretamente a necessidade de debater desigualdade de gênero na escola, demais instrumentos legais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica (**LDB**) não garantem diretamente a abordagem dos direitos de pessoas LGBTQs, por exemplo.

As plataformas da Cidade Escola Aprendiz utilizam cookies e tecnologias semelhantes, como explicado em nossa Política de Privacidade, para recomendar conteúdo e publicidade. Ao navegar por nosso conteúdo, o usuário aceita tais condições.

[Aceitar](#) [Política de privacidade](#)

“Se omitindo, a escola está ensinando que as violências, o preconceito, as desigualdades que ocorrem na escola podem continuar acontecendo. E isso é prejudicial para todos os alunos, que deixam de acessar conhecimentos científicos importantes sobre diversidade humana e realidade social”, afirma.

Diálogo como prevenção da violência

Ao contrário do que pregam os que **repudiam o debate de identidade de gênero nas escolas**, trazer esse tema para perto das crianças não significa “desmoralizar as famílias” e nem “ensinar a ser gay”. A discussão passa por outros caminhos: trata de ensinar limites pessoais, respeito à diversidade humana, que é também racial, social, sexual.



“Pode ter certeza de que não foi na escola que eu aprendi a ser transexual. Eu nasci assim”, diz Paula Cruz, a primeira diretora trans da rede estadual de ensino de São Paulo, que há 15 anos está à frente da escola Santa Rosa de Lima, no Capão Redondo.

A escola, na verdade, foi o lugar que tentou coibi-la de ser quem é. “Eu era agredida constantemente por colegas. Mas hoje me sinto realizada por poder exercer a profissão que sempre quis, e tenho ciência da minha responsabilidade, pois represento todo uma população em um espaço que **historicamente excluiu os estudantes LGBT**. Tenho a oportunidade de mostrar que somos seres humanos e podemos ser o que desejamos”, conta Paula.

Maria Cristina Cavaleiro: “Não é somente com os LGBTs, por exemplo, que tem que ser feita essa discussão, porque o problema não está neles, mas nas pessoas que expressam o ódio”

As plataformas da Cidade Escola Aprendiz utilizam cookies e tecnologias semelhantes, como explicado em nossa Política de Privacidade, para recomendar conteúdo e publicidade. Ao navegar por nosso conteúdo, o usuário aceita tais condições.

[Aceitar](#) [Política de privacidade](#)

verbalmente e 36% fisicamente na escola.

A professora Maria Cristina Cavaleiro aponta ainda a relação destas violências estruturais com a **evasão escolar**. As meninas abandonam a escola porque, muitas vezes, são responsabilizadas unicamente por cuidar dos filhos, irmãos e casa. No caso dos LGBTs, a evasão é causada sobretudo pela exclusão.

“Não é que o aluno desiste da escola, é que ele não consegue permanecer nela”, resume a educadora, acrescentando: “Não é somente com os LGBTs, por exemplo, que tem que ser feita essa discussão, porque o problema não está neles, mas nas pessoas que expressam o ódio.”



Se omitindo, a escola está ensinando que as violências, o preconceito e as desigualdades podem continuar acontecendo.

Crédito: Tânia Rego/Agência Brasil

Aproximação com as famílias

Para dialogar com as famílias sobre as questões de gênero e sexualidade na escola, **Mânia**, professora da FMEI Deborah Savão, programou uma semana de atividades com

As plataformas da Cidade Escola Aprendiz utilizam cookies e tecnologias semelhantes, como explicado em nossa Política de Privacidade, para recomendar conteúdo e publicidade. Ao navegar por nosso conteúdo, o usuário aceita tais condições.

[Aceitar](#) [Política de privacidade](#)

super-heróis, e a outra metade, de rosa, com bonecas, panelas e fogão.

“No momento em que as crianças entravam, elas começavam a bagunçar tudo, brincando de um lado e do outro. E quando um menino dizia que não podia brincar com a boneca, eu perguntava se o pai dele não cuidava dele, da irmã, se o pai não fazia comida também. Isso serviu para iniciar o diálogo com as famílias”, diz Vânia.

Na ocasião, a professora teve a oportunidade de mostrar que o objetivo não é “destruir os valores da família”, mas complementá-los, ampliando os horizontes e possibilidades das crianças e desmistificando **o que é debater gênero na escola**. “Isso está no nosso **Projeto Político Pedagógico (PPP)**, que foi construído com as famílias. E todas as decisões são tomadas juntamente aos responsáveis e alunos, em reuniões constantes para esclarecer o que estamos fazendo”, conta Vânia.



Formação de professores

Em sua experiência como aluna, Paula Cruz relembra que os professores faziam pouco para impedir as violências que sofria e chegaram a sugerir que sua mãe a levasse ao médico. “Mas esses profissionais não sabiam lidar, não adianta culpar. O que precisamos é de uma formação inicial e continuada de professores que olhe para isso”, aponta.

A discussão de gênero e orientação sexual passa por ensinar limites pessoais, respeito à diversidade humana, que é também racial, social, sexual

Paula Ribeiro, professora no Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e coordenadora do grupo de pesquisa Sexualidade e Escola da FURG, avalia que a **formação dos professores** é inexistente ou insuficiente para o assunto, e

As plataformas da Cidade Escola Aprendiz utilizam cookies e tecnologias semelhantes, como explicado em nossa Política de Privacidade, para recomendar conteúdo e publicidade. Ao navegar por nosso conteúdo, o usuário aceita tais condições.

[Aceitar](#) [Política de privacidade](#)

assim, são a melhor aposta para emancipar uma sociedade.

“Em um mundo que tende a restringir possibilidades, o acesso ao conhecimento do próprio corpo, dos sentimentos, pode gerar insegurança e medo. Logo, debater gênero e orientação sexual na escola ensina as crianças a se relacionarem melhor, entendendo que ninguém é igual ao outro, mas que são todos seres humanos”, coloca.

[COMENTÁRIOS](#)[COMENTÁRIOS VIA FACEBOOK](#)[CLIQUE AQUI PARA COMENTAR](#)

A ESCOLA BRASILEIRA E AS DESIGUALDADES CONFORME O TERRITÓRIO

[LEIA MAIS](#)

As plataformas da Cidade Escola Aprendiz utilizam cookies e tecnologias semelhantes, como explicado em nossa Política de Privacidade, para recomendar conteúdo e publicidade. Ao navegar por nosso conteúdo, o usuário aceita tais condições.

[Aceitar](#) [Política de privacidade](#)

Em defesa da educação inclusiva

VEJA MAIS

Quando a educação vence

VEJA MAIS

CENTRO DE REFERÊNCIAS EM EDUCAÇÃO INTEGRAL

Conheça os idealizadores e parcerias da iniciativa [aqui](#).



As plataformas da Cidade Escola Aprendiz utilizam cookies e tecnologias semelhantes, como explicado em nossa Política de Privacidade, para recomendar conteúdo e publicidade. Ao navegar por nosso conteúdo, o usuário aceita tais condições.

[Aceitar](#) [Política de privacidade](#)